

DOS ASSENTAMENTOS À UNIVERSIDADE: TRAJETÓRIAS DE MULHERES DA UFMS/CPNA

LIMA, Priscila Aponucena¹

RESUMO: Este estudo analisa os impactos da educação superior na vida das mulheres que saíram dos assentamentos rurais de Porto Maria e Gleba XV de Novembro. A estrutura socioeconômica do Brasil foi marcada por desigualdades e concentração de terras, resultando na criação dos assentamentos como uma resposta a essa realidade. Contudo, nessas comunidades, as mulheres frequentemente são limitadas a papéis domésticos e têm seu trabalho subestimado. Nesse contexto, a educação universitária surge como uma esperança, oferecendo a oportunidade de transformação e empoderamento. O acesso a essa forma de educação pode ampliar horizontes, desenvolver habilidades e abrir portas para melhores oportunidades profissionais e pessoais. Este estudo busca compreender as motivações e desafios enfrentados por essas mulheres ao ingressarem na educação universitária, bem como analisar os impactos pessoais, profissionais e comunitários dessa experiência. Aspectos como autonomia, empoderamento e capacidade de promover mudanças positivas em suas comunidades de origem serão explorados. A pesquisa será embasada em revisão teórica, abordando conceitos relacionados aos assentamentos rurais, educação universitária e empoderamento feminino. Foram utilizados questionários para coleta e análise de dados visando obter informações relevantes sobre as experiências das mulheres que saíram dos assentamentos rurais e ingressaram na educação superior. Os resultados esperados contribuirão para o entendimento dos impactos da educação universitária na vida dessas mulheres, destacando sua importância como um caminho para a transformação e o empoderamento. Além disso, poderão embasar intervenções futuras e políticas públicas voltadas para a educação e desenvolvimento rural.

PALAVRAS-CHAVES: Assentamento Rural. Empoderamento Feminino. Equidade de Gênero. Desenvolvimento rural. Comunidades rurais.

Introdução

A estrutura socioeconômica brasileira possui raízes históricas na invasão do território pelos portugueses, caracterizada por brutalidade e violência, além do estabelecimento de um padrão de exploração baseado na escravidão, monocultura e exportação de produtos agrícolas (Rossi, 2011). A concentração de terras, oriunda da transferência de terras da coroa portuguesa para capitalistas portugueses, perpetuou-se ao longo do tempo, resultando em uma estrutura fundiária desigual (Vattathara e Ristow, 2018).

A luta pela terra tem sido uma constante na história da humanidade, inicialmente marcada por um fervor religioso influenciado pela Igreja. Com o fortalecimento das Ligas Camponesas, a questão da terra evoluiu para um movimento

¹ Acadêmica do curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Nova Andradina. Email: priscilaaponucena@gmail.com

político e social, com a Reforma Agrária emergindo como pauta central (Onofre, 2008). No entanto, o Estatuto da Terra, criado durante a Ditadura Militar em 1964, surgiu como promessa de reformar as leis agrárias, mas para lutar por esse direito, as ocupações de terra persistiram, sendo apoiadas pela Igreja Católica e resultando na formação de movimentos sociais, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) (Brasil, 1988).

Os assentamentos rurais, como Porto Maria e Gleba XV de Novembro, são áreas compartilhadas por diferentes pessoas, caracterizadas por complexas relações de poder político e econômico (Haesbaert, 2004). Nessas comunidades, as mulheres são frequentemente designadas para tarefas domésticas e muitas vezes subestimadas em suas contribuições para a produção familiar rural. A falta de valorização e reconhecimento do trabalho, conhecimento e práticas das mulheres no contexto rural impacta negativamente suas dinâmicas de poder e formação de identidades como agricultoras ou trabalhadoras agrícolas (Gonçalves, 2018).

Diante desse cenário, a educação universitária surge como uma esperança para as mulheres dos assentamentos rurais. O acesso a essa forma de educação proporciona oportunidades de transformação e empoderamento, possibilitando a ampliação de horizontes, o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos, além de melhores perspectivas profissionais e de vida (Leite; Afonso, 2004).

Diante desse contexto, o presente estudo tem como objetivo central analisar os impactos da educação universitária na vida das mulheres que saíram dos assentamentos rurais Porto Maria e Gleba XV de Novembro. Para alcançar esse objetivo, foram investigadas as motivações e desafios enfrentados por essas mulheres ao buscar ingressar na educação universitária. Além disso, foram analisados os impactos pessoais, profissionais e comunitários dessa formação universitária, considerando aspectos como autonomia, empoderamento e capacidade de promover mudanças positivas nas suas comunidades de origem.

A estrutura do artigo consiste em uma revisão teórica que fundamentará a pesquisa, abordando conceitos relacionados aos assentamentos rurais, à educação superior e ao empoderamento feminino. Posteriormente, são apresentados os métodos utilizados para coleta e análise dos dados. Os resultados são apresentados, destacando as principais descobertas relacionadas aos objetivos propostos. Por fim, na conclusão, será realizada uma síntese dos resultados, ressaltando a importância da educação superior como um caminho para a transformação e empoderamento das

mulheres dos assentamentos rurais, bem como apontando possíveis direções para futuras pesquisas e intervenções no campo da educação e desenvolvimento rural.

Assentamentos rurais Porto Maria e Gleba XV de Novembro

Os assentamentos rurais Porto Maria e Gleba XV de Novembro são dois dos quatro assentamentos que compõem o município de Rosana, no estado de São Paulo. Esses assentamentos foram implantados a partir de 2009, em terras desapropriadas da antiga Fazenda Porto Maria, que ficava às margens do Rio Paraná. Os assentamentos têm como principais atividades produtoras o cultivo de café, queijo, horta orgânica e outros produtos agrícolas.

Além disso, os assentamentos também se destacam pelo desenvolvimento do turismo rural, que oferece aos/às visitantes a oportunidade de conhecer e participar das atividades no campo, apreciar o contato com a natureza e degustar a gastronomia típica da região. O turismo rural é apoiado por projetos de discentes e docentes da UNESP, que aplicam os conhecimentos do Curso de Turismo na elaboração de roteiros e na organização de eventos.²

Um exemplo de empreendimento turístico nos assentamentos é o Restaurante Rural Porto Maria, que funciona na antiga sede da fazenda e serve cafés da manhã e almoços caseiros, preparados pelas mulheres do assentamento. O restaurante é um espaço de valorização da cultura e da identidade local, além de ser uma fonte de renda para os/as assentados/as.³

A Universidade como esperança

Ao longo da história, as mulheres enfrentaram posições de subalternidade na sociedade, lutando por igualdade social, política e econômica (Magalhães, 1980). No século XX, houve mudanças e continuidades nos papéis das mulheres, pois apesar

² Políticas públicas e o desenvolvimento do turismo rural no município de Rosana-SP. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/238401>. Acesso em: 19 jun. 2023.

³ Turismo Rural. Portal do Turismo - Rosana. Disponível em: <https://www.rosana.sp.gov.br/turismo/turismo-rural/>. Acesso em: 19 jun. 2023. Ver também: TURISMO E EMPREENDEDORISMO: O RESTAURANTE RURAL PORTO MARIA - MUNICÍPIO DE ROSANA/SP. Disponível em: <https://www.rosana.unesp.br/Home/extensao/eventos/anaispue-encontrodosgrupospetdaunesp/turismo-e-empendedorismo---pet-turismo.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2023.

de conquistas importantes no campo da educação e do trabalho, ainda persistem visões depreciativas e limitações para o seu desenvolvimento (Alves, 2000). No Brasil, embora as mulheres tenham uma presença maior no mercado de trabalho, casos de sexismo, discriminação e privação de oportunidades ainda são frequentes (Seppir, 2015).

Para lidar com essas questões, o governo brasileiro tem implementado políticas públicas com enfoque de gênero, buscando garantir direitos sociais, humanos e igualdade de oportunidades para as mulheres, especialmente no campo (IPEA, 2015). No espaço agrário, as mulheres estão se tornando protagonistas de sua própria história, desempenhando papéis importantes no desenvolvimento agrário do país (Santos, Garcia, 2015).

No entanto, a Reforma Agrária, por muito tempo, deixou as mulheres em desvantagem, com dificuldades para obter a posse da terra e reconhecimento de seu trabalho na agricultura (Deere, 2004). A participação das mulheres na luta pela terra tem sido fundamental, e medidas legais foram estabelecidas para garantir a titulação conjunta de lotes de terra, elevando a presença feminina nesse contexto (MDA, 2014).

Estudos mostram que as mulheres representam quase metade dos/as beneficiários da reforma agrária, em comparação a uma porcentagem menor no passado (MDA, 2014). Essa participação feminina é importante para a organização de manifestações, reuniões e ações que visam melhorias nos assentamentos, como abastecimento de água, infraestrutura e serviços básicos (Menegat, 2008).

A Reforma Agrária busca promover uma distribuição mais justa da terra, sustentabilidade rural, produção de alimentos, geração de emprego e renda, redução da migração campo-cidade e interiorização de serviços públicos (INCRA, 2015). No contexto da reforma agrária, as mulheres desempenham um papel valorizado, ocupando espaços e contribuindo para o desenvolvimento das áreas rurais, respeitando a cultura e as necessidades sociais dos/as moradores/as (Guanzirolli, 2006).

Além disso, a participação das mulheres na economia solidária tem sido relevante, rompendo com a lógica monetária e destacando seu protagonismo na geração de renda e no bem-estar das comunidades (Culti, 2004; Nobre, 2003).

A luta das mulheres pela equidade de gênero e pelo reconhecimento de seus direitos tem sido uma batalha constante, permeando diversos aspectos da sociedade. No campo e na reforma agrária essa luta também se faz presente, com as mulheres

desempenhando um papel crucial para o desenvolvimento social, econômico e territorial. Apesar dos desafios enfrentados, sua atuação tem sido fundamental na construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Nesse contexto, a universidade surge como um espaço de relevância ímpar, desempenhando funções essenciais no avanço dessas pautas e na formação de profissionais e cidadãos/ãs conscientes e críticos/as. A continuidade dos estudos, especialmente em nível universitário, proporciona uma oportunidade única de crescimento intelectual e pessoal, permitindo às mulheres ampliarem seus horizontes e construírem uma visão de mundo mais complexa e abrangente.

A universidade desempenha um papel fundamental na sociedade contemporânea, sendo um espaço de produção e disseminação do conhecimento, além de ser responsável pela formação de profissionais capacitados/as e cidadãos/ãs críticos/as.

Conforme Paulo Freire, "A educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo" (Freire, 2005, p. 35). A visão de Freire sobre a importância da educação como um processo libertador e emancipatório destaca que a educação não deve ser apenas um ato de transmissão de conteúdos, mas sim uma prática dialógica que promove a conscientização, a reflexão crítica e a transformação social.

Nesse sentido, a universidade desempenha um papel essencial ao proporcionar um espaço propício para o diálogo, a troca de ideias e o desenvolvimento do pensamento crítico. É um ambiente que estimula a busca pelo conhecimento, o questionamento das verdades estabelecidas e a formação de cidadãos/ãs capazes de transformar a realidade em que vivem.

Uma educação universitária libertadora, como proposta por Freire (2005), vai além da simples formação técnica ou profissional. Ela busca fomentar a autonomia, a consciência política e a capacidade de análise e interpretação dos indivíduos. Ao possibilitar o acesso a diversos campos do saber, a universidade oferece a oportunidade de compreender e intervir em questões sociais, culturais, econômicas e políticas.

De acordo com Freire, "A educação verdadeira é prática da liberdade, que nega a liberdade sem as condições objetivas dela" (Freire, 2011, p. 47). Essa abordagem emancipatória busca romper com a lógica da opressão e da reprodução acrítica de

ideias, propiciando o empoderamento dos sujeitos e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Portanto, a importância da universidade e da continuidade dos estudos reside na possibilidade de formar indivíduos críticos, capazes de compreender, questionar e transformar a realidade em que vivem. Através de uma educação libertadora e emancipatória, como proposta por Paulo Freire (2005, 2011), a universidade se torna um espaço de aprendizado e de construção de conhecimentos que transcende as fronteiras do ensino técnico e profissional, contribuindo para o desenvolvimento integral dos/as estudantes e para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Bizerril (2018) apresenta os impactos da expansão e interiorização das universidades federais no Brasil, principalmente a partir do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), implantado no governo Lula (2003-2011). O autor destaca que os efeitos dessa expansão vão além do aumento no número de vagas, envolvendo aspectos econômicos, sociais, culturais e de desenvolvimento regional.

No aspecto econômico, a instalação de campus universitários em determinadas regiões traz benefícios imediatos, como o investimento federal no município e o impacto na economia local devido aos gastos dos/as estudantes, de docentes e funcionários/as. Além disso, a qualificação e a inovação geradas pela presença das universidades podem impulsionar o desenvolvimento regional no médio e longo prazo. No âmbito do desenvolvimento humano, a disseminação da cultura universitária traz contribuições importantes para os aspectos político, social e cultural das regiões. Os valores de democracia, liberdade, responsabilidade social e pensamento crítico presentes nas universidades contribuem para a formação de cidadãos/ãs mais conscientes e engajados/as.

A criação de novas universidades e campus também promoveu avanços nos modelos institucionais e de avaliação da qualidade, favorecendo a interdisciplinaridade, a sustentabilidade e o diálogo com as comunidades locais. Essa expansão trouxe maior diversidade sociocultural, incluindo grupos antes pouco representados nas universidades públicas, como indígenas, negros/as, moradores/as da periferia, povos do campo, LGBTs, entre outros. Isso ampliou a relevância social das universidades, mas também trouxe desafios para lidar com essa nova realidade.

No entanto, o autor ressalta que os impactos positivos da expansão e interiorização das universidades federais têm sido pouco valorizados e compreendidos pela sociedade e pela classe política. Há um discurso que defende cortes de verbas nas universidades públicas, sem considerar a importância da ciência, a qualidade do ensino médio oferecido pelos Institutos Federais e a responsabilidade compartilhada entre os diferentes níveis de governo no financiamento da educação básica (Bizerril, 2018).

Em suma, o autor apresenta uma reflexão sobre os impactos da expansão e interiorização das universidades federais no Brasil, destacando os benefícios econômicos, sociais e culturais, bem como a importância das universidades públicas como agentes de transformação e consciência crítica da sociedade. Também ressalta a necessidade de valorização e investimento nessas instituições para garantir seu papel estratégico no desenvolvimento do país.

Impactos da educação superior na vida das mulheres que saíram dos assentamentos rurais

A trajetória de mulheres provenientes de assentamentos rurais que conseguem ingressar na universidade é um exemplo inspirador de superação e determinação, que neste estudo é representado por quatro mulheres oriundas dos assentamentos Gleba XV de Novembro e assentamento Porto Maria.

Nayara Leão Oliveira é um desses exemplos, nascida em 6 de janeiro de 2000, no Assentamento Gleba XV de Novembro, e atualmente residente no Assentamento Porto Maria, ela compartilha conosco sua jornada de vida e educação, refletindo os desafios enfrentados por muitas mulheres rurais em busca de oportunidades de crescimento e desenvolvimento.

Nayara nasceu em uma família que tem uma forte conexão com os assentamentos rurais. Sua mãe participou da luta pela terra no Assentamento Gleba XV de Novembro, e foi nesse ambiente que Nayara passou sua infância até os 10 anos. Posteriormente, sua família se mudou para o Assentamento Porto Maria, onde ela reside atualmente. Além de seus pais, sua família também inclui seu irmão, cunhada e sobrinha, que vivem na cidade. Essa estrutura familiar foi fundamental para nutrir o seu desejo de superação e independência.

Sua trajetória escolar teve início na Escola Estadual Ribeirinhos, onde frequentou a pré-escola e os anos iniciais do ensino fundamental. Em seguida, Nayara cursou o ensino fundamental e médio na Escola Estadual Gleba XV de Novembro. Durante esse período, ela também se envolveu no curso técnico em agronegócio em uma classe descentralizada da Etec Nair Luccas Ribeiro. Paralelamente, participou de um cursinho pré-vestibular público oferecido pelos/as alunos/as da UNESP do Campus de Rosana. Todas essas instituições eram públicas, evidenciando seu compromisso em buscar conhecimento, apesar das dificuldades.

Em março de 2018, Nayara deu mais um passo em sua jornada ao ingressar na universidade. Escolheu o curso de História, motivada pelo desejo de crescimento intelectual e seu interesse em política. Essa decisão foi influenciada por vários fatores, incluindo o apoio de seus pais e o desejo de alcançar autonomia e independência.

A transição para a vida universitária não foi fácil para Nayara. Ela precisou se mudar para a cidade de Nova Andradina, enfrentando diversos desafios e adversidades. Lidar com situações como furtos, ameaças e assédio foi uma realidade, juntamente com as dificuldades financeiras que exigiam o apoio de seus pais para se manter na universidade. Apesar de tudo, Nayara considera que essa experiência foi transformadora, proporcionando-lhe a oportunidade de conhecer novas pessoas e compartilhar experiências que levou consigo para a vida.

A entrada na universidade foi um momento de orgulho e realização para Nayara. Durante o curso, ela teve experiências positivas que marcaram sua trajetória, como a participação no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) e na Residência Pedagógica, que reforçaram seu desejo de lecionar e sua preparação para transformar a educação. No entanto, a pandemia da COVID-19 representou um desafio adicional, pois a adaptação ao ensino remoto foi difícil, resultando em algumas defasagens acadêmicas.

Apesar das dificuldades enfrentadas, a conquista de Nayara ao concluir o curso de História é motivo de orgulho, sua trajetória acadêmica é um exemplo do poder da educação como instrumento de transformação e empoderamento para mulheres rurais. Ao retornar ao seu assentamento de origem, Nayara traz consigo novas experiências e um sentimento de realização pessoal.

A história de Nayara Leão Oliveira ressalta a importância da educação como esperança para as mulheres dos assentamentos rurais. Ela demonstra que, apesar dos obstáculos enfrentados, é possível buscar oportunidades de crescimento, superar

limitações e contribuir para o desenvolvimento de suas comunidades, sendo um exemplo inspirador que reforça a necessidade de investimentos na educação e no empoderamento das mulheres rurais, garantindo que elas tenham acesso às mesmas oportunidades de crescimento e realização pessoal que outras mulheres em áreas urbanas.

Já Andressa Alves Moreira nasceu em 23 de agosto de 1998 no Assentamento Gleba XV de Novembro, Setor II, e atualmente reside em Nova Andradina, Mato Grosso do Sul, sua família é composta por cinco pessoas, incluindo ela, seus pais e suas duas irmãs. A trajetória de sua família até se estabelecer no assentamento rural não apresentou grandes dificuldades, uma vez que a família de seu pai já residia no sítio quando eles se mudaram de São Paulo. No entanto, a adaptação foi um desafio devido às diferenças de realidade entre o campo e a cidade.

Andressa estudou em escolas públicas durante toda sua educação básica. A escola ficava próxima à sua casa, o que facilitava a locomoção, pois seus pais a levavam e buscavam, no assentamento, havia tanto uma escola municipal quanto uma escola estadual que oferecia ensino até o terceiro ano do ensino médio. Ela guarda lembranças preciosas desse período, como amizades que perduram até hoje, além de manter contato com seus/uas professores/as.

A decisão de ingressar na universidade foi influenciada por seus pais e avós. Ela optou pelo curso de licenciatura em História, sendo essa sua segunda opção, pois a princípio queria Psicologia, porém a distância para cursar Psicologia influenciou na decisão pela escolha em História, uma vez que Andressa não desejava se afastar de sua família enquanto estivesse estudando, ela ressalta que a grande motivação para estudar partiu de seus pais.

Ela ingressou na universidade em 2019 e está concluindo o curso neste ano de 2023, em sua família também há mais pessoas que estão estudando ou já concluíram uma graduação. A mudança da área rural para a área urbana para iniciar seus estudos não foi tão difícil para Andressa, pois, apesar de morar no assentamento, ela sempre teve contato com a cidade, especialmente durante suas férias em São Paulo.

Sua experiência inicial na universidade foi interessante e acolhedora, tudo era novo, mas ela se sentiu bem recebida e em casa. Ser uma estudante de uma universidade federal trouxe uma sensação descrita por ela como surreal, uma mistura de sentimentos difíceis de explicar, mas que apenas aqueles/as que vivenciam essa experiência entendem. Ao longo do curso, Andressa teve várias experiências positivas

que a enriqueceram, destacando sua primeira vivência dentro da sala de aula. No entanto, também enfrentou dificuldades ao estudar à distância por dois anos, devido à pandemia, superando obstáculos e desafios.

Ser uma estudante mulher, originária de um assentamento rural e frequentar uma universidade federal significa gratidão para Andressa, isso demonstra que todos têm o direito de estar onde desejam e, o mais importante, que são capazes de alcançar seus objetivos e realizar seus sonhos.

A terceira entrevistada foi Tayna dos Santos que nasceu em 19 de julho de 2000 no Assentamento Gleba XV de Novembro e atualmente reside em Nova Andradina, sua família é composta por sua mãe, pai, irmã e esposo. Eles nasceram e cresceram no assentamento, trabalhando na roça, plantando, colhendo e carpindo até hoje. Ela estudou toda a educação básica, até concluir o ensino médio na Escola Estadual Ribeirinhos.

Em relação a seu período de estudos, Tayna guarda lembranças especiais, como visitas a locais históricos, campeonatos interclasses e gincanas, além das competições com outras escolas da região, ela destaca que todos os/as professores/as sempre foram atenciosos/as e competentes. A decisão de ingressar na universidade ocorreu devido à reputação da instituição, uma faculdade renomada e pública que oferece ensino de qualidade. Além disso, a proximidade de casa foi um fator que influenciou sua decisão. Tayna escolheu o curso de Administração, pois durante o ensino médio realizou um curso técnico em agronegócio, que abordava disciplinas administrativas e ela se identificou muito com essas matérias, o que a motivou a seguir nessa área. Ela ingressou na universidade em 2018 e concluiu o curso em 2021, a mudança para a área urbana para iniciar os estudos foi difícil no início para Tayna. Ela precisou dividir casa com outras seis meninas, enfrentou dificuldades financeiras e seus pais tinham uma situação difícil no assentamento, tendo que enviar dinheiro para sustentá-la, uma vez que as bolsas da faculdade não eram aprovadas. Além disso, a distância da família e a experiência de morar sozinha sem segurança também foram desafios a serem superados.

Quanto à experiência na universidade, Tayna teve uma experiência positiva, mas enfrentou dificuldades financeiras e a distância da família. Ela destaca que a perseverança e o apoio de seus/uas entes queridos/as foram fundamentais para superar esses obstáculos. No geral, a jornada de Tayna dos Santos é um exemplo de determinação e superação. Ela nasceu e cresceu em um assentamento rural,

enfrentou desafios para cursar uma graduação em uma universidade federal, mas seu esforço e apoio familiar a levaram a concluir seu curso e trilhar um caminho promissor na área de Administração.

A última entrevistada foi Pâmela Aparecida Sobral dos Anjos que nasceu em 25 de abril de 2000, no Assentamento Porto Maria, e atualmente reside em Rolândia, de acordo com a jovem sua família é o seu maior presente, e ela sempre encontrou todo o apoio necessário nela. A trajetória de sua família até se estabelecer no assentamento rural foi uma luta intensa, eles acampavam em diversos lugares, sempre vivendo em grupos, pois havia muitas famílias que buscavam um lugar para chamar de seu lar.

Em relação a trajetória escolar, Pâmela enfrentava desafios para chegar à escola na educação básica, além de pegar o ônibus escolar, precisavam percorrer vários quilômetros a pé. Apesar das dificuldades, ela encontrava alegria nessas caminhadas em grupo, brincando e se divertindo pelo caminho. Desse período de estudos, Pâmela guarda lembranças especiais.

Decidir ingressar na universidade foi motivado pelo desejo de ter uma profissão e garantir um futuro emprego, na época, Pâmela escolheu cursar Licenciatura em História, ela ingressou na universidade em 2018, mas ainda não concluiu o curso. Em relação à sua família, até onde ela sabe, não há mais pessoas que tenham cursado ou estejam cursando uma graduação.

A mudança para a área urbana para iniciar os estudos foi uma experiência maravilhosa para Pâmela. Para ela e seus pais, foi motivo de orgulho. Sentir-se independente e completa ao sair de casa para ingressar na faculdade foi algo significativo. No início da universidade, Pâmela mal acreditava que estava naquele lugar e que começaria sua jornada acadêmica, mas aos poucos, ela sentiu uma sensação maravilhosa e gratificante por estar ali.

Ao longo do curso, Pâmela teve a oportunidade de conhecer pessoas novas, que a trataram muito bem, mesmo sem a conhecerem. Essa foi uma experiência positiva para ela. No que diz respeito às dificuldades, por não ter permanecido muito tempo na faculdade, Pâmela não encontrou grandes obstáculos durante esse período.

Ser uma estudante mulher, proveniente de um assentamento rural e estudar em uma universidade federal teve um significado enorme para Pâmela, ela ingressou na UFMS com base em sua pontuação no Enem, algo que ela nem imaginava ser possível.

No geral, a trajetória de Pâmela reflete sua determinação e superação para buscar educação e melhores oportunidades, mesmo enfrentando desafios, ela encontrou apoio em sua família e na própria força interior, que a levaram a ingressar na universidade e trilhar um caminho promissor.

Considerações finais

Neste estudo, destacou-se o papel das mulheres nos assentamentos rurais, argumentando que apesar das dificuldades enfrentadas, as mulheres têm desempenhado um papel fundamental no desenvolvimento agrário, na luta pela equidade de gênero e no reconhecimento de seus direitos. A participação feminina na reforma agrária tem aumentado ao longo dos anos, e medidas legais foram estabelecidas para garantir a titulação conjunta de terras e a valorização do trabalho das mulheres na agricultura.

A universidade foi apresentada como uma esperança para o avanço dessas pautas e para a formação de profissionais e cidadãos/ãs conscientes e críticos/as. A continuidade dos estudos, especialmente em nível universitário, proporciona às mulheres a oportunidade de ampliar seus horizontes, construir uma visão de mundo mais complexa e contribuir para a transformação social.

Em suma, os assentamentos rurais de Porto Maria e Gleba XV de Novembro têm se mostrado espaços de desenvolvimento agrário e turismo rural, onde as mulheres desempenham um papel importante e a universidade desempenha um papel fundamental na formação de profissionais e cidadãos/as críticos/as, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Referências

- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BIZERRIL, Marcelo Ximenes Aguiar. O processo de expansão e interiorização das universidades federais brasileiras e seus desdobramentos. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 13, n. 32, p. 1-15, 6 jul. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.20952/revtee.v13i32.13456>. Acesso em: 12 set. 2023.

CULTI, M. N. **Mulheres na economia solidária: Desafios Sociais e Políticos**. São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.unitrabalho.org.br/IMG/pdf/Mulheres-eEconomia-Solidaria.pdf>. Acesso: 25 jun. 2023.

DEERE, Carmem Diana. Os direitos da mulher à terra e os movimentos sociais rurais na reforma agrária brasileira. **Revista Estudos feministas**, Florianópolis, janeiro-abril de 2004. Disponível em: <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/15301-15302-1-PB.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

INCRA – **Instituto Nacional de Colonização na Reforma Agrária**. Educação PRONERA. Disponível em: http://www.incra.gov.br/educacao_pronera. Acesso em: 18 jun. 2023.

IPEA. **II Plano Nacional de Políticas Para as Mulheres**. 2007. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/conferencias/Mulheres_III/texto_base_3_conferencia_mulheres.pdf. Acesso em: 15 jun. 2023.

LEITE, Laurinda; AFONSO, Ana Sofia. Aprendizagem baseada na resolução de problemas. Características, organização e supervisão. **Boletim das Ciências**, 48, p. 253-260, 2001. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/5538>. Acesso em: 15 jun. 2023.

MDA, Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Quase metade dos donos de terra da reforma agrária são mulheres**. 2012. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadaniae-justica/2012/05/quase-metade-dos-donos-de-terra-da-reforma-agraria-saomulheres>. Acesso em: 17 jun. 2023.

MENEGAT, Alzira Salete. **Retratos da Vida de Mulheres Assentadas. Fazendo Gênero 9 - Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, Florianópolis/SC**: Anais. p. 9, ago. 2010. Disponível em:

http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1277479845_ARQUIVO_texto-simposiodegenero2010.pdf. Acesso em: 20 jun. 2023

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 58. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 54. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

ROSSI, Rafael Alves. **As Revoltas e Escravos na Roma Antiga e o seu impacto sobre a Ideologia e a Política da Classe Dominante nos Séculos II a.C e I d.C.** Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2011. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/1463.pdf>. Acesso em: 12 set. 2023.

SANTOS, Fábio Ferreira; GARCIA, Maria Franco. A luta da mulher pela igualdade no campo: contradições e tensões no sistema capitalista. **Revista Interface, [S.I.]**, n. 10, p. 296-303, dezembro 2015. Disponível em: <http://revista.uft.edu.br/index.php/interface/article/view/1894/8620>. Acesso em: 20 abr. 2016.

SILVA, João Antonio Mello. **Políticas públicas e o desenvolvimento do turismo rural no município de Rosana-SP**. Trabalho de conclusão de Curso. UNESP. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/238401>. Acesso em: 19 jun. 2023.

VATTATHARA, Saritha Denardi; RISTOW, Mathews Gustavo. **Mulheres E Reforma Agrária: análise da trajetória de vida de assentada rural em Júlio de Castilhos/RS**. In: 61 - Congresso Nacional de Estudantes de Agronomia, 2018, Belém. Anais do 61 Congresso Nacional de Estudantes de Agronomia. Alagoas: Grupo Agroecológico Craibeiras - GAC/UFAL, 2018. v. 2. p. 19-27. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/era/article/view/6113>. Acesso em: 20 jun. 2023.